

## Memória e Teoria Ator-Rede: Mediação nos Sites do *Estadão* e da *Folha de S. Paulo*

Memory and Actor-Network Theory:  
Mediation in Websites of *Estadão* and *Folha de S. Paulo*

**Allysson Viana Martins**

Universidade Federal da Bahia  
Rua Augusto Viana, s/n, Canela, 40110-909, Salvador, BA, Brasil  
sallyssonviana@gmail.com

**André Fabrício Holanda da Cunha**

Universidade Federal da Bahia  
Rua Augusto Viana, s/n, Canela, 40110-909, Salvador, BA, Brasil  
andreholanda@73@gmail.com

---

**Resumo.** Este trabalho discute como as ideias que balizam a Teoria Ator-Rede (ANT) podem ser base para estudos sobre o jornalismo produzido para a internet. Buscamos aplicar os princípios da ANT para compreender o uso de recursos mnemônicos no webjornalismo e entender quais modalidades de mediação caracterizam essas utilizações. Os sites do *Estadão* e da *Folha de S. Paulo* compuseram o *corpus* da pesquisa por estarem entre os principais (web) jornais brasileiros, no tocante às experimentações das características e especificidades do webjornalismo. O estudo foi realizado em uma semana típica, na qual não houve nenhum evento ou acontecimento de destaque, de modo a não corromper ou salientar algumas associações. Percebemos o quanto pode ser enganoso considerar a mera presença de memória como indicação de conteúdo aprofundado ou de qualidade.

**Palavras-chave:** memória, webjornalismo, Teoria Ator-Rede, actantes, Bruno Latour.

**Abstract.** This paper discusses how the ideas that guide the Actor-Network Theory (ANT) can be the basis for studies from journalism produced for the internet. We seek to apply the principles of ANT to understand the resource mnemonics uses in web journalism and understand which modalities of mediation characterize these uses. The websites of the *Estadão* and *Folha de S. Paulo* formed the corpus to be among the main Brazilian (web) newspapers, regarding the trials of the specificities of web journalism. The study was conducted in a typical week in which there has been no event or event featured so as not to corrupt or emphasize some associations. We realize how much can be misleading to consider the mere presence of memory as an indication of quality or depth content.

**Key words:** memory, webjournalism, Actor-Network Theory, actants, Bruno Latour.

---

### Introdução

A superação dos limites espaço-temporais proporcionou realmente uma ruptura, no tocante à memória, em relação ao jornalismo

realizado em outros meios. A internet se caracteriza por não estar balizada por número de páginas ou por tempo de exposição. Nesse contexto de espaço “ilimitado” para disponibilização de material, aliado à instantaneida-

de e à atualização contínua, a memória ganha novos contornos e possibilidades de aplicação, definida por Palacios (2002, 2003, 2008) como “múltipla, instantânea e cumulativa”. *Múltipla* por permitir acesso aos formatos midiáticos, graças à multimidialidade (conjugação de texto, imagem, áudio, vídeo, infográfico e/ou link); *instantânea* porque pode ser recuperada rapidamente, tanto pelo produtor da notícia como pelos seus leitores; por fim, *cumulativa* pela facilidade e pelo baixo custo de estocagem de materiais, ganhando evidência, sobretudo, quando os meios se valem da convergência.

O espaço quase ilimitado do webjornalismo para disponibilização de conteúdo de diversos formatos midiáticos abre crescentes possibilidades para a divulgação de materiais anteriormente produzidos e armazenados, agora com sistemas sofisticados de indexação, manutenção, recuperação e acesso da informação. Por meio da convergência, essa disponibilização não se limita somente àqueles conteúdos produzidos diretamente para a web. Como nesse espaço “o que jaz submerso pode ser sempre trazido à superfície” (Fidalgo, 2004, p. 183), fazer apenas o arquivamento dos conteúdos é pouco, diante do potencial do meio em disponibilizar o que foi anteriormente produzido e publicado. Ou ainda mais importante (tendo em vista a quebra dos limites crono-espaciais), deve-se atentar para as possibilidades de divulgação de material previamente produzido, armazenado, mas mantido inédito em função das limitações de veiculação próprias dos suportes midiáticos anteriores. O que foi veiculado em vídeo pelas TVs, por exemplo, representa apenas uma pequena proporção dos conteúdos diariamente gravados por suas equipes de reportagem.

Neste artigo, procuramos sinalizar algumas formas de mediação operadas pela memória nos sites do *Estadão* e da *Folha de S. Paulo*, aplicando os princípios da Teoria Ator-Rede (Latour, 1994, 2008) para compreender o uso de recursos mnemônicos no webjornalismo e entender quais modalidades de mediação (ou mera intermediação) caracterizam essas utilizações. O estudo foi realizado em um *corpus* que representasse uma semana típica, na qual não houvesse nenhum evento ou acontecimento de destaque, de modo a não corromper ou salientar algumas das características estudadas. Os sites do *Estadão* e da *Folha* foram o objeto da pesquisa por estarem entre os principais (web)jornais brasileiros, no que se refere às experimentações das características e especificidades do webjornalismo.

## Memória, Jornalismo e Internet

Na concepção de Palacios (2002, 2003, 2008), a memória é uma das características do webjornalismo que proporciona uma ruptura real, em relação ao jornalismo realizado em outros meios, sendo definida como múltipla, instantânea e cumulativa. Conforme observado, o uso da memória no jornalismo não é algo específico da web, ainda que neste meio ela seja armazenada e utilizada mais fácil e rapidamente. Na TV, a memória aparece em vídeos de matérias antigas; no jornal, com a reutilização de fotos produzidas para outras notícias, entre diversos outros exemplos. Contudo, na web, a memória é potencializada, devido à facilidade, ao barateamento e à simultaneidade da veiculação do conteúdo com o armazenamento.

*Através da Convergência de formatos, a Memória na Web tende a ser um agregado não só da produção jornalística que vem ocorrendo online, mas, gradualmente, de toda a produção jornalística importante, acumulada em todos os tipos de suportes, desde épocas muito anteriores à existência da Web e dos próprios computadores (Palacios, 2003, p. 10).*

Luís Nogueira (2003) defende que, se nos meios tradicionais o arquivo não estava acessível instantaneamente, na internet, toda a informação parece virtualmente imediata, graças ao alinhamento da indexação e do armazenamento com a computação de dados. Existe uma sensação de que o passado ainda está presente. Essa forma de preservação na web faz com que a memória adquira novas especificidades, requerendo maior capacidade na recuperação e preservação de conteúdos, tendo em vista que se transforma em um ambiente propício para a retroalimentação e o desenvolvimento de novos materiais. Ainda assim, é impossível que todos os registros, documentos e artefatos sejam armazenados de modo adequado. Em todo o processo, as perdas naturais (com o decorrer do tempo) e os resquícios da falha humana serão observados, contudo, “no que respeita especificamente aos arquivos em jornais, o esforço de preservação total deverá ser levado ao limite do possível” (Sá, 2011, p. 153), alerta o pesquisador em preocupação com a possível perda dessa memória.

Para Montenegro e Silva (2005), as tecnologias digitais contribuem para a preservação da memória de uma cidade, além de permitir um acesso mais rápido e fácil aos arquivos

jornalísticos, tanto para a comunidade interessada como para os pesquisadores e estudiosos da mídia. Esse fenômeno é facilitado pela digitalização de conteúdos – que ajuda a distinguir a internet e a criar uma nova ecologia midiática (Scolari, 2009, 2010, 2012). A web quebra os limites físicos, possibilitando a apropriação de um espaço praticamente ilimitado para disponibilização on-line de conteúdos – não importando o formato – de “toda informação anteriormente produzida e armazenada, através da criação de arquivos digitais, com sistemas sofisticados de indexação e recuperação da informação” (Palacios, 2002, p. 7).

Muitas empresas migraram para a internet tencionando oferecer informações sem cessar, durante as 24 horas do dia, todo o ano. Tendo essa perspectiva em vista, os jornais transportaram seu conteúdo para a web, tanto para seus espectadores acompanharem sua publicação – quando não puderem fazê-lo no formato primordial – quanto para terem acesso de forma fácil, ágil e barata ao seu próprio arquivo. Em alguns jornais, a memória já é comumente incorporada à produção (web)jornalística, seja através do uso diário, para contextualizar e ampliar, ou mesmo da construção e criação de especiais. Como na internet o arquivo (digital) se torna vivo e descentralizado, novas técnicas de indexação e de organização possibilitam um acesso e uma recuperação dos conteúdos mais fácil e rapidamente a fim de contextualizar o material jornalístico publicado.

Uma das distinções para o uso da memória na internet é que pode ser recuperada não apenas pelo produtor da informação, mas, ainda, pelos leitores, através de sistemas de busca (*search engines*) que possibilitam diversos cruzamentos de palavras-chave (*tags*), períodos temporais, editoriais, formatos midiáticos, entre outros. Esses motores de busca se juntam aos agregadores e aos portais para garantir segurança, legitimidade e orientação no ciberespaço, tendo em vista que são dispositivos que fornecem informação sobre a organização e arquitetura da informação; isto é, permitem “localizarmo-nos no universo de informação que constitui o espaço da vida onde nos movemos e agimos” (Nogueira, 2003, p. 18). Mesmo com essa disponibilização dos conteúdos no meio digital, há que se reconhecer que o jornal não veicula, de forma alguma, todo o seu acervo para os leitores. “Parece inquestionável que a manutenção on-line do arquivo da coleção, organizado em base de dados, incide diretamente sobre a estrutura de um jornal

on-line” (Fidalgo, 2004, p. 183). Apesar dessas facilidades, ainda se tem de entender que novas lógicas estão surgindo e paradigmas são rompidos.

A memória, quando situada no webjornalismo, possibilita essa maior valoração da prática jornalística. Se anteriormente a produção era salientada pelo seu nível efêmero – curto prazo de validade das matérias –, a informação no ciberespaço passou a estar potencialmente em um presente contínuo, ou seja, “teoricamente, todos os espaços e todos os tempos se equivalem” (Nogueira, 2003, p. 16). Há uma estratégia nessa práxis jornalística, na qual o profissional não transporta a memória coletiva inocentemente. Ao contrário, busca adicionar e acomodar os conhecimentos e materiais ao seu dispor em uma estrutura própria, fazendo com que as recordações estejam virtualmente presentes através de um trabalho de memória. António Fidalgo (2004) explica que uma notícia ou assunto remete, através de uma inclusão bem distribuída de hiperlinks – evitando o excesso que fica ao dever do jornalista perceber –, para informações anteriores que tratam direta ou indiretamente sobre a temática ou fenômeno em questão. Uma das principais características do hiperlink é permitir um aprofundamento daquela informação noticiada, por meio do oferecimento de dados complementares bem como explicando abreviações, termos técnicos e conceitos em voga.

## Teoria Ator-Rede

A investigação das modalidades de mediação no uso da memória nos sites do *Estadão* e da *Folha de S. Paulo* segue a concepção de pesquisa e alguns conceitos da Teoria Ator-Rede (em inglês, *Actor-Network Theory* – ANT), que tem o francês Bruno Latour como seu principal representante. Segundo Latour (2008), o desenvolvimento da teoria teve início quando não humanos (micróbios, vieiras, rochas e navios) se apresentaram para a teoria social de uma nova maneira. Latour (2008) escolheu este nome para definir sua teoria porque a sigla ANT se refere a uma formiga (em inglês), aficionada pelo trabalho duro. Além disso, o autor prefere simplificações às complicações e às erudições, descartando, portanto, a nomenclatura “ontologia do actante-rizoma”.

Na concepção dos pesquisadores Castro e Pedro (2010), na ANT, todos nós compomos a rede. E cada um é ator e também rede, pois são constituídos por conexões que estabelecem

outras associações. Ainda de acordo com os pesquisadores, a rede “remete a uma trama de atores (humanos e não-humanos), que tecem suas relações, traçando um emaranhado amplo e heterogêneo que caracteriza o coletivo” (Castro e Pedro, 2010, p. 38). A rede para a ANT não está relacionada a algo físico, tecnológico. Para Bruno Latour (2008), a rede é um conceito, uma ferramenta para ajudar a descrever algo, não o que está sendo descrito. “Redes são, portanto, coletivos sociotécnicos, configurados em relações fluidas e cambiáveis” (Castro e Pedro, 2010, p. 38). Embora existam ambiguidades sobre a noção de rede, Latour prefere a utilização dessa palavra porque ela parece “mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade” (1994, p. 9).

A noção de rede vai aparecer fortemente na obra do autor francês por causa de algumas de suas crenças, como a ausência de imanência, só existindo, então, as relações que se tecem nas redes, pois nada possui uma essência, um núcleo imutável. Na visão de Graham Harman (2009), estudioso da obra de Latour, a ANT defende que um ator é constituído apenas por suas relações. Em uma das suas obras fundadoras dos preceitos da ANT, o autor é polêmico ao dizer que: “uma vez que nada é inerente a qualquer outra coisa, a dialética é um conto de fadas. Contradições são negociadas como o resto. Elas são construídas, não dadas” (Latour, 1988, p. 180)<sup>1</sup>.

A partir dessa noção, o francês diferencia sua “sociologia das associações” da que os outros pensadores fazem, denominado por ele de “sociologia do social”. Enquanto os sociólogos sociais olham os atores envolvidos nas ações e redes associativas de maneira assimétrica, os sociólogos das associações encaram o mundo de maneira simétrica, ou seja, não dando mais atenção aos humanos que aos actantes não-humanos. A proposta é reestabelecer a simetria entre os homens e os objetos. “É esta dupla separação que precisamos reconstituir, entre o que está acima e o que está abaixo, de um lado, entre os humanos e os não-humanos, de outro” (Latour, 1994, p. 19). Para preservar a simetria, a ANT utiliza três termos que não deixam claro quem ou o que está atuando: actante, ator ou agente, podendo designar-se ao humano ou ao não humano, ao individual ou ao coletivo, ao figurativo ou ao não figurativo.

Harman (2009) exemplifica que átomos, moléculas, crianças, pingos de chuva, trens-bala, políticos e numerais são todos actantes.

Os actantes se comportam de duas maneiras, como intermediários ou mediadores, sendo o primeiro caracterizado assim quando não interfere na ação e o último quando é um agente direto na rede. Os mediadores são “atores dotados da capacidade de traduzir aquilo que eles transportam, de redefini-lo, desdobrá-lo, e também de traí-lo” (Latour, 1994, p. 80), enquanto intermediários apenas deslocam e transmitem as formas puras. Harman (2009) explica essa diferença por meio da metáfora de que um mediador não é um eunuco abandonando seu mestre com palmeira, mas aquele que molda a tradução de um ponto da realidade para outro. Como não existe essência ou imanência e tudo se dá através da ação – da rede que os actantes criam e tecem entre si – é importante que não partamos de algumas definições fechadas. Não crer que, *a priori*, determinados assuntos ou temas irão utilizar um recurso específico, ou mesmo um tom ou um formato, entre outras questões que nos propomos a verificar. Não buscamos macro-explicações e definições pré-estabelecidas, pois isso é característica da “sociologia do social”. Nossa proposta, em consonância com Latour (2008), é que, em vez de explicar os fatos menores pelos maiores e a parte pelo todo, o caráter macro dos fenômenos não fique em evidência, mas suas microrrelações e suas associações.

Essa não imanência das coisas faz com que o autor seja enfático quanto à importância da descrição, que deve acontecer de maneira bem feita, afinal, “o leitor deve apreender o conteúdo e o contexto no mesmo movimento” (Latour, 1997, p. 34). Para isso, é nossa função deixar os actantes falarem, como o pesquisador, escutar o que os atores dizem (Latour, 2008). Ainda que Latour e Woolgar enfatizem a dificuldade de descrever ambientes científicos, seus achados podem ser apropriados ao jornalismo, quando dizem que “é extremamente difícil descrever apropriadamente a natureza da ‘exterioridade’ na qual os objetos supostamente residem, porque as descrições da realidade (...) compreendem muitas vezes uma reformulação ou uma re-enunciação” (1997, p. 194). O método de “seguir os atores na rede” pretende fazer uma ciência mais pontual, na qual o que fique em evidência não seja o macro,

<sup>1</sup> Tradução nossa: “Since nothing is inherent in anything else, the dialectic is a fairy tale. Contradictions are negotiated like the rest. They are built, not given”.

mas as microrrelações que compõem a vida em rede, em associação. Para Holanda, prezar pela descrição na ANT não deve ser entendido como uma atenção em demasia ao dado empírico, “de modo a tornar o estudo míope para os efeitos de significado e das esferas e disputas de poder” (2011, p. 14). Por outro lado, a intenção é detectar os traços dessas relações e rastreá-los a fim de observar as influências de uma nova configuração da mídia.

## Descrevendo Actantes

Procuramos entender que modalidades de mediação caracterizam a utilização da memória no webjornalismo a partir de categorias como: *atualização* (saber se houve modificação após publicação), *fontes* (intratextual ou intertextual), *gênero jornalístico* (notícia, reportagem, entrevista, perfil, editorial, artigo/crítica ou crônica) e *estilo jornalístico* (informativo, interpretativo ou opinativo) da matéria, além dos *formatos midiáticos* (áudio, vídeo, imagem, texto, infográfico-animação, link) e da *relação do recurso mnemônico com o assunto* (celebração, continuação ou contextualização). Para os fins restritos de uma pesquisa exploratória, escolhemos uma semana típica, pois a apropriação da ANT tem de se mostrar útil em qualquer período, seja um estudo de caso (tema e época específicas) ou não. A atualização contínua é considerada por Mielniczuk (2003) e Palacios (2002, 2003) como uma das principais características do webjornalismo, sendo aqui avaliada pela possibilidade de revelar algo importante para nossa pesquisa.

As fontes interessam como pontos de partida nas redes de actantes mobilizadas pelas matérias no sentido de relatar os fatos e integrá-los em seu contexto social e histórico. Para melhor caracterizá-las, são estudadas como intra ou intertextuais, servindo para compreender como cada veículo utiliza a memória de outros mediadores, juntamente com a sua, na construção do conteúdo. A intertextualidade existe quando um meio veicula um conteúdo advindo de outra mídia e quando divulga um material que procedeu de seu próprio banco de dados. Aqui, consideramos o domínio como próprio da memória do jornal. Ou seja, ainda que os grupos *Folha* e *Estado* sejam conglomerados de mídia, uma memória intratextual existe quando o domínio do endereço na internet não se modifica.

Os gêneros jornalísticos foram analisados e disponibilizados de acordo com as categorias

já citadas de forma a vislumbrar o papel da memória na construção de cada um deles. Pode-se esperar que notícias, reportagens, entrevistas, entre outros, mobilizem este recurso de formas diferenciadas, de acordo com suas especificidades. A intuição que move essa abordagem é que cada gênero prescreva usos preferenciais dos conteúdos anteriormente arquivados. O estilo jornalístico, para Erbolato, pode “ser dividido em quatro categorias: informativo, interpretativo, opinativo e diversional” (2006, p. 30). Medina (1988) explica que este último é apenas uma característica (de transformar a notícia em entretenimento), sendo corroborada por Pedro Sousa: “hoje as notícias e o entretenimento competem pela audiência. Por isso, as notícias têm-se, gradualmente, tornado *infotainment*” (2000, p. 93). O estilo diversional se dilui nos três tipos de estrutura discursiva: informação, interpretação e opinião – ou como Medina (1988) acha mais adequado: informação; informação ampliada; opinião. Para uma primeira caracterização, podemos dizer que o estilo informativo é caracterizado pela superficialidade, pelo tratamento imediato e sem detalhamento; já o jornalismo interpretativo é uma cobertura mais completa do fato, refletindo sobre suas consequências em vários âmbitos e o contextualizando; e o opinativo é especificado por um comentário, revelando explicitamente a opinião do autor ou a da empresa. Da mesma forma que os gêneros, os estilos sugerem uma variedade de possibilidades diferentes de mediação da memória. Os fatos, por exemplo, já relatados pela mídia são frequentemente essenciais para o gênero opinativo, mas podem ser dispensáveis em conteúdo diversional.

O formato midiático será analisado a partir da nossa observação dos materiais, de modo a explicitar a mediação realizada, ou seja, para descrever a relação do recurso de memória com o assunto. Propomos em três tipos: contextualização – quando a memória cria uma ligação que não era interdependente; continuação – próximo ao que se chama no jornalismo de *suíte*, isto é, o desdobramento de algum tema; celebração – quando se trata da comemoração de aniversário, sendo intrínseca a relação entre memória e assunto, ou seja, sem a memória a matéria não existiria.

Escolhemos o período do dia 18 de julho (segunda) até 24 (domingo) do mesmo mês. Na época, o *Estadão* teve 541 matérias veiculadas na seção *Internacional*, equivalente a um número próximo de 77 publicações diárias nesta seção.

Os dias de semana possuem um fluxo maior de publicação, com a terça-feira chegando a 93 matérias, por outro lado, o final de semana teve sábado com o menor número de material veiculado<sup>2</sup>. A *Folha*, na mesma temporada, veiculou 471 matérias na editoria *Mundo*, aproximadamente 67 publicações diárias. De modo semelhante ao *Estadão*, os dias de semana obtiveram uma maior postagem, com o máximo de 89 na terça, e o final de semana tendo apenas 39 no domingo<sup>3</sup>. A aplicação da ANT ao estudo do Jornalismo é apenas um teste do que acreditamos ser um caminho promissor para a área, portanto, selecionamos, em ambos os jornais, a segunda e o sábado, por se tratarem do início da semana e do final da semana.

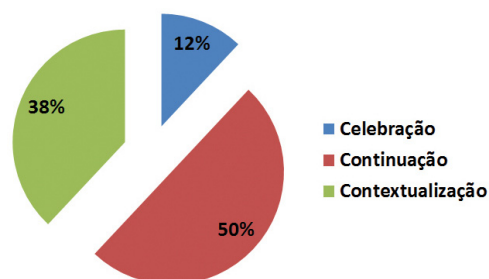
Na segunda (18/07), o *Estadão* realizou 89 postagens na editoria *Internacional*. 23 delas não traziam nenhuma referência à memória, sendo 15 de gênero notícia e estilo informativo e oito reportagens interpretativas. Em 20 delas, encontramos apenas texto e nas outras três os jornalistas dispuseram de texto com imagem ou vídeo. Nenhuma trazia atualização. Das 66 matérias com recurso de memória, oito possuíam relação de celebração, 33 de continuação e 25 de contextualização (ver Gráfico 1). Na celebração, cinco matérias eram do gênero notícia e três de reportagem. Enquanto, em continuação, observamos apenas três notícias, um perfil e 29 reportagens e, em contextualização, reportagem e notícia são mais equilibrados, com respectivamente 13 e 10 matérias destes gêneros, além de encontrarmos um artigo/crítica e um editorial.

Dentre as matérias de contextualização, as que utilizam apenas o texto são predominantes com 18 ocorrências, enquanto apenas sete utilizam texto com outros formatos. As imagens estão presentes em quatro postagens. Não houve nenhum link intertextual, mas apenas links intratextuais incorporados na narrativa em duas matérias e links intratextuais à parte da narrativa em quatro. Isso revela a preocupação de manter um controle estrito das fontes referenciadas dentro do domínio da empresa, o que reduz as potencialidades da mediação. Em continuação, 19 matérias trazem texto e outro formato, as outras 14, apenas texto. Oito matérias utilizam imagens. Nesta categoria, há presença de link intertextual na narrativa em duas e intratextual em seis. O link intertextual fora da narrativa foi observado somente em uma matéria e o intratextual em 17. Das oito matérias de celebração, cinco traziam apenas texto e três tinham texto e outro formato, como imagem e links intratextuais na narrativa e fora dela. A atualização do conteúdo estava presente em apenas quatro matérias, uma relacionada à contextualização e três em recurso ligados à continuação.

No sábado (23/07), das 55 matérias, 11 não possuíam recurso mnemônico, com números próximos de notícia e de reportagem, respectivamente, seis e cinco. Todos trouxeram apenas texto. Não houve nenhuma matéria com memória relacionada à celebração, nessa data. 26 matérias foram qualificadas como de continuação e 18 como de contextualização (ver Gráfico 2), sugerindo uma proeminência da

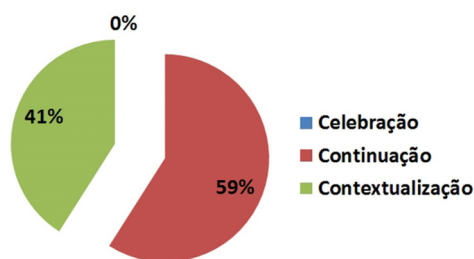
**Gráfico 1.** Matérias do *Estadão* (18/07) que possuem relação com memória.

**Graph 1.** News of *Estadão* (7/18) that have memory



**Gráfico 2.** Matérias do *Estadão* (23/07) que possuem relação com a memória.

**Graph 2.** News of *Estadão* (7/23) that have memory



<sup>2</sup> O número de postagem no *Estadão* durante a semana: 90 na segunda (18/07), 93 na terça (19/07), 90 na quarta (20/07), 74 na quinta (21/07), 77 na sexta (22/07), 55 no sábado (23/07) e 62 no domingo (24/07).

<sup>3</sup> A quantidade de matéria publicada na *Folha* na semana: 74 na segunda (18/07), 89 na terça (19/07), 78 na quarta (20/07), 72 na quinta (21/07), 71 na sexta (22/07), 48 no sábado (23/07) e 39 no domingo (24/07).

memória como meio de prolongar a vigência do tema, mas não tanto como mediadora do aprofundamento dos relatos. Em ambas, a reportagem esteve muito mais presente do que a notícia, contudo, artigo/crítica, entrevista e perfil apareceram na memória com relação de continuação. Como contextualização, encontramos apenas texto, sem nenhum outro formato. Em matérias de continuação, 20 trouxeram apenas texto e seis matérias tinham texto e outro formato, como imagem, vídeo, link intertextual na narrativa e fora dela e link intratextual fora da narrativa. No sábado, nenhuma matéria foi atualizada.

A *Folha* veiculou 74 matérias na segunda (18/07), sendo 15 sem auxílio de nenhum recurso de memória. A quantidade de notícias e de reportagens é quase equivalente, respectivamente, sete e oito. Oito também é o número de matérias apenas com texto e sete com texto acompanhado de outro formato, como imagem, vídeo e link intratextual na narrativa. 59 conteúdos continham alguma relação com a memória (ver Gráfico 3). Apenas três matérias trouxeram memória de celebração, sendo todas reportagens. Foram 34 ocorrências de memória com contextualização, com a maioria sendo reportagens, 29, e trazendo dois artigos/críticas, além de três notícias. Percebe-se uma maior importância da mediação entre matéria e seu contexto. Outro indicador de preocupação com o aprofundamento é a correlação observável entre contextualização e reportagens.

18 matérias tinham apenas texto e 16 possuíam texto com outros formatos, dentre eles, imagem, infográfico e links intratextuais na narrativa e à parte dela, bem como links intertextuais fora da narrativa e a constituindo. Memória com continuação é representada em 22

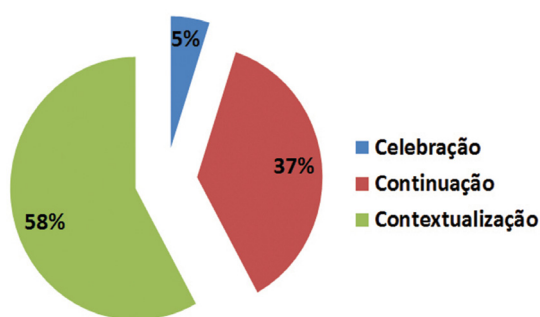
publicações, sendo todas reportagens e apenas cinco trazendo só texto. 17 das matérias contêm texto e outros formatos, como imagem, em 11 reportagens, link intertextual na narrativa e links intratextuais inseridos e à parte da narrativa. Todos indicadores de um maior investimento por parte da *Folha* em relação ao *Estadão* na interconexão dos conteúdos como meio para construir uma maior contextualização da leitura, comparem-se os Gráficos 2 e 3.

Esta tendência foi desmentida no sábado (23/07) quando a memória aparece majoritariamente como recurso de continuação. Apenas 48 publicações foram realizadas na seção *Mundo da Folha*, tendo quatro reportagens sem recurso de memória e 44 conteúdos com alguma associação (ver Gráfico 4). E contando com apenas uma reportagem com recursos de memória como celebração. O recurso mnemônico com finalidade de contextualização esteve presente em 13 publicações, do qual 12 eram reportagens e uma era entrevista. O texto juntamente com vídeo, imagem e link intratextual na narrativa pôde ser encontrado em três matérias, com as outras 10 se dedicando apenas ao texto. Dos 30 materiais veiculados com memória de continuação, 28 eram representados por reportagens, um por notícia e outro por perfil. 16 trouxeram apenas texto e 14 continham texto e imagem, infográfico ou links intratextuais na narrativa e à parte dela.

Nas matérias do *Estadão* sem conteúdos de memória, a notícia aparecia como gênero predominante, ainda que a diferença em relação à reportagem seja ínfima. Nenhuma delas foi atualizada, com essa especificidade destinada aos materiais com algum recurso mnemônico. Outra distinção do uso da memória se encontra em comparação ao gênero. Reportagem é o

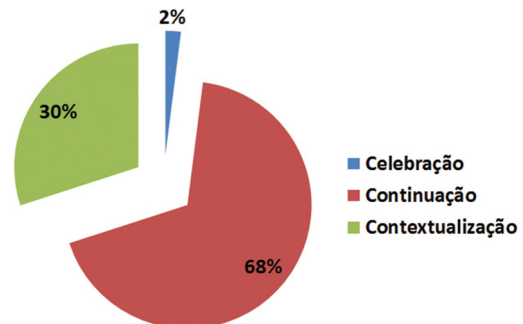
**Gráfico 3.** Matérias da *Folha de S. Paulo* (18/07) que possuem relação com a memória.

**Graph 3.** News of *Folha de S. Paulo* (7/18) that have memory



**Gráfico 4.** Matérias da *Folha de S. Paulo* (23/07) que possuem relação com a memória.

**Graph 4.** News of *Folha de S. Paulo* (7/23) that have memory

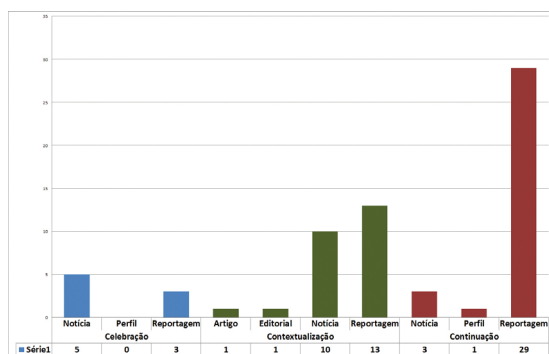


estilo mais requisitado, em alguns casos específicos, sendo o único gênero. Memórias com características de continuação eram predominantes, com as de contextualização com números aproximados. Celebração, por sua vez, manteve proporções baixas (ver Gráfico 5).

Na *Folha*, contudo, a realidade é um pouco distinta. Reportagens aparecem mais, mesmo com pouca diferença, do que notícias, nas matérias sem recurso da memória. Enquanto no *Estadão* a notícia se mostrava um pouco mais presente, na *Folha* ocorreu o inverso – em conteúdos sem memória. Nos materiais com memória, a utilização da reportagem foi predominante em todos os tipos, causando a nulidade de outros gêneros, em algumas circunstâncias. De modo semelhante ao *Estadão*, a memória de celebração obteve números baixíssimos, enquanto continuação apresentou maior recorrência, mas com a memória de contextualização com índices praticamente iguais – diferente do *Estadão*, no qual a continuação obteve certa vantagem (ver Gráfico 6).

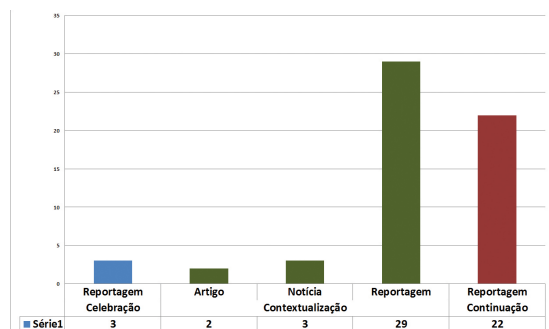
**Gráfico 5.** Relação entre tipos de memória e gênero nas matérias do *Estadão* (18/07).

**Graph 5.** Relationship between kinds of memory and gender in news of *Estadão* (7/18)



**Gráfico 6.** Relação entre tipos de memória e gênero nas matérias da *Folha* (18/07).

**Graph 6.** Relationship between kinds of memory and gender in news of *Folha* (7/18)



## Considerações Finais

Apesar do caráter inicial e experimental do estudo, defendemos que a ANT pode servir às investigações no campo do Jornalismo, com o pesquisador se valendo de modo direto (com a teoria como o aporte da pesquisa) ou indireto (com a utilização de seus conceitos fundamentais) da ANT. Embora a reflexão sobre a memória tenha sido realizada mais sucinta do que seria desejável neste artigo, percebemos que em algumas ocasiões, sobretudo quando o recurso mnemônico tem uma relação de continuação com o tema, os links se repetem de modo automático, sem uma clara preocupação com a construção ou aprofundamento verdadeiro do relato. Já no caso da contextualização, existe uma íntima relação com a função da matéria que mobiliza a memória, aquela que possui o link. Isso pode ser facilmente explicado pela natureza pontual das notícias em oposição às exigências de aprofundamento da reportagem, onde surgem mais oportunidades de mediação para a memória (vide Gráfico 6).

Essa aplicação da ANT ao Jornalismo serviu para que observássemos a continuação de cobertura de um assunto nem sempre pede a utilização de recursos de memória com relação de continuação. Ainda que a conexão entre assuntos sejam claramente uma continuação temporal, por vezes, esta não basta para a contextualização do novo acontecimento, pois deixaria o leitor perdido, não utilizando o potencial da memória como mediadora da contextualização dos temas, mas como simples intermediária na indicação de vínculos temporais. Poder-se-ia dizer que esta forma empobrecida de utilização se reduz a um mero recurso automatizado hipertextual para “passar páginas”. Apesar do caráter preliminar, os resultados indicam, de maneira confiável, o quanto pode ser enganoso considerar a mera presença de recursos de memória como indicação de conteúdo aprofundado ou de qualidade. Sem uma análise da forma de mediação predominante nos recursos utilizados em cada veículo, não é possível fundamentar conclusões sobre os efeitos daqueles sobre a construção de sentido, a qualidade e o grau de aprofundamento da cobertura jornalística.

## Referências

- CASTRO, R.; PEDRO, R. 2010. Redes de vigilância: a experiência da segurança e da visibilidade articuladas às câmeras de monitoramento urbano. In: F. BRUNO; M. KANASHIRO; R. FIRMINO (Org.). *Vigilância e visibilidade: espaço tecnologia e identificação*. Porto Alegre, Sulina, p. 36-60.



- ERBOLATO, M. 2006. *Técnicas de codificação em Jornalismo*. São Paulo, Ática, 256 p.
- FIDALGO, A. 2004. Sintaxe e semântica das notícias online: para um jornalismo assente em base de dados. In: A. LEMOS; A. PRYSTON; J. SILVA; S. SÁ (Org). *Mídia.Br: Livro da XII Compós 2003*. Porto Alegre, Sulina, p. 1-9. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-jornalismo-base-dados.pdf>. Acesso em: 18/12/2012.
- HARMAN, G. 2009. *Prince of networks: Bruno Latour and metaphysics*. Melbourne, Re.press, 258 p.
- HOLANDA, A. 2011. Traduzindo o jornalismo multimídia para tablets com a Teoria Ator-Rede. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXIV, Recife, 2011. *Anais...* 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-3054-1.pdf>. Acesso em: 27/06/2013.
- LATOUR, B. 1994. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro, Editora 34, 152 p.
- LATOUR, B. 1988. *The Pasteurization of France*. United States of America, Harvard College, 292 p.
- LATOUR, B. 2008. *Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires, Manantial, 390 p.
- LATOUR, B.; WOOLGAR, S. 1997. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 310 p.
- MEDINA, C. 1988. *Notícia: um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2ª ed. São Paulo, Summus, 193 p.
- MIELNICZUK, L. 2003. *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. Salvador, BA. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, 246 p.
- MONTENEGRO, R.; SILVA, F. 2005. *Por uma digitalização da memória jornalística*. Portugal, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC), 10 p. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rosilene-montenegro-fabio-silva-memoria-jornalistica.pdf>. Acesso em: 24/10/2009.
- NOGUEIRA, L. 2003. *Jornalismo na rede: arquivo, acesso, tempo, estatística e memória*. Portugal, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC), 22 p. Disponível em: <http://www.lab-com.ubi.pt/files/agoranet/02/nogueira-luis-jornalismo-na-rede.pdf>. Acesso em: 09/01/2013.
- PALACIOS, M. 2008. A memória como critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo: alguns apontamentos. *Revista FAMECOS*, 37:91-100. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4805/3609>. Acesso em: 18/12/2012.
- PALACIOS, M. 2002. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. In: Workshop de Jornalismo Online, Covilhã, 2002. *Anais...* 1-12. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm). Acesso em: 18/12/2012.
- PALACIOS, M. 2003. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: E. MACHADO; M. PALACIOS (Org.). *Modelos do Jornalismo Digital*. Salvador, Editora Calandra, p. 1-17.
- SÁ, A. 2011. *Arquivos dos media e preservação da memória. Processos e estratégias do caso português na era digital*. Portugal, PT. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, 328 p.
- SCOLARI, C. 2010. Ecologia de los medios. Mapa de un nicho teórico. *Quaderns del CAC*, 34(XIII):17-26. Disponível em: [http://www.cac.cat/pfw\\_files/cma/recerca/quaderns\\_cac/Q34\\_Scolari\\_ES.pdf](http://www.cac.cat/pfw_files/cma/recerca/quaderns_cac/Q34_Scolari_ES.pdf). Acesso em: 25/10/2012.
- SCOLARI, C. 2012. *Ecología mediática, evolución e interfaces*. Hipermediaciones ~ Conversaciones sobre la comunicación digital interactiva, s./p. Disponível em: <http://hipermediaciones.com/2012/04/23/ecologia-mediatica-evolucion-e-interfaces/>. Acesso em: 29/12/2012.
- SCOLARI, C. 2009. *Media Ecology: de los textos a la gramática*. Hipermediaciones ~ Conversaciones sobre la comunicación digital interactiva, s./p. Disponível em: <http://hipermediaciones.com/2009/06/22/media-ecology-de-los-textos-a-la-gramatica/>. Acesso em: 29/12/2012.
- SOUSA, J. 2000. *As notícias e os seus efeitos*. Portugal, Minerva Coimbra, 222 p.

Submetido: 30/06/2013

Aceito: 02/08/2013